

A Perspectiva do Tempo, a Partir da Obra ‘A Persistência da Memória’ de Salvador Dalí, e sua Relação com o Trabalho e o Turismo

Elsbeth Becker Spode¹

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA

Resumo: Este artigo tem por objetivo fazer uma releitura e, assim, refletir sobre o tempo e sua relação com o trabalho, ócio, lazer e turismo. Utilizou-se a metodologia do ensaio a partir da obra ‘A Persistência da Memória’ de Salvador Dalí. Pôde-se inferir que, na sociedade moderna, e, especialmente, na contemporânea, o tempo constitui um produto da evolução sociocultural e um mecanismo de relações entre as classes sociais. O turismo é próprio da sociedade industrial e urbana e, assim, acompanha as suas concepções e transformações. Uma dessas concepções ocorre na relação entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

Palavras-chave: trabalho; lazer; ócio; turismo.

Introdução

O quadro do pintor Salvador Dalí, ‘A Persistência da Memória’, deixa seus observadores mais atentos, no mínimo, instigados à reflexão. O efeito dessa representação não seria tão intrigante se não aceitássemos tacitamente que o tempo existe e que o relógio marca sua passagem. Quando perguntamos “que horas são?” Ou “que dia é hoje?”, a nossa expectativa é que alguém, tendo um relógio ou um calendário, nos dê a resposta exata. Em que acreditamos quando fazemos a pergunta e esperamos a resposta? Acreditamos que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente desse momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta pode conter, silenciosamente, uma inquietação não questionada por nós: o tempo realmente existe? E se ele existe, somos nós que “caminhamos” para dentro dele? Ou o tempo é uma atitude que depende dos condicionantes sociais, históricos e econômicos, de cada época e do espaço geográfico?

¹ Docente do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria (RS).

Ou, ainda, cada ser humano é entendido como autor e sujeito do mundo em que está inserido?

Para o cientista social Domenico De Masi cabe a cada ser humano escolher e estabelecer uma resposta para a questão do tempo, se ele existe ou não e, se existe, dele vai depender, em grande parte, seu estilo de vida e as tecnologias disponíveis em sua história.

Se os nossos avós padeciam do tédio de dias sempre iguais, nós padecemos de vertigem por instantes sempre diversos, dilatados, acelerados e excessivos, nos quais se orientam somente aqueles que, dotados de sabedoria, sabem viver com estilo, submetendo e sincronizando os ritmos frenéticos do mundo aos próprios biorritmos (DE MASI, 2000, p. 200).

Enquanto fenômenos econômicos e sociais, o trabalho, o lazer e o turismo consideram a variável tempo que assumiu proporções que levaram diferentes especialistas, economistas, turismólogos e sociólogos a desenvolverem questões que aproximam uma reflexão. O objetivo desta releitura é refletir sobre o tempo, sua relação com o trabalho, ócio, lazer e turismo. Para isso, será utilizada a obra de arte ‘A Persistência da Memória’, de Salvador Dalí.

Metodologia

A metodologia está embasada no ensaio, que, segundo Severino (2000), é um estudo formal, discursivo e concludente, que consiste na

(...) exposição lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal. No ensaio há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que tenha que se apoiar no rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica. De fato, o ensaio não dispensa o rigor lógico e a coerência de argumentação e por isso mesmo exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual (SEVERINO, 2000, p. 153).

No entendimento de Medeiros (2008, p. 112), é “uma exposição metodológica dos assuntos realizados e das conclusões originais a que se chegou após apurado o exame de um assunto. O ensaio é problematizador, antidogmático e nele deve se sobressair o espírito crítico do autor e a originalidade”.

Para desenvolver este ensaio, foi selecionada a obra de arte de Salvador Dalí, intitulada ‘A Persistência da Memória’. Pesquisou-se sobre o autor, a obra, para, então, relacionar

o contexto de época e de sociedade em que o tempo passou a ser “delimitado” para o trabalho e, em função dele, decorre o tempo livre, o lazer e o turismo.

Sobre Salvador Dalí

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech (figura 1) nasceu em Figueres, na província da Catalunha, Espanha, em 11 de maio de 1904 e faleceu em sua cidade natal em 23 de janeiro de 1989.



Figura 1: Salvador Dalí
Fonte: www.salvador-dali.org

Consagrou-se como um dos mais importantes artistas plásticos (pintor e escultor) do surrealismo espanhol. Conviveu com vários artistas de sua época e foi influenciado por Pablo Picasso. A partir de 1920, Dalí participa de um movimento artístico conhecido como surrealismo e a década seguinte foi marcada pela intensa produção artística. Nessa época, o artista se dedicava em representar imagens do cotidiano de forma inesperada e surpreendente. Um dos seus objetivos era produzir uma arte que, segundo os surrealistas, estava sendo destruída pelo racionalismo. Dalí e os artistas do surrealismo foram influenciados pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939), que enfatizava o papel do inconsciente na atividade criativa. É desta fase uma das obras mais conhecidas de Dalí, “A Persistência da Memória”, que mostra relógios derretendo. Em 1939, Dalí foi expulso do movimento surrealista por motivos políticos. Grande parte dos artistas surrealistas eram marxistas e justificaram a expulsão de Dalí, alegando que o artista adotara um cunho muito comercial para suas obras.

Sobre a obra ‘A Persistência da Memória’

A obra ‘A Persistência da Memória’ (figura 2) pintada a óleo, aplicado sobre tela com 24,1 por 33 cm, encontra-se exposta no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.



Figura 2. ‘A Persistência da Memória’ (1934).

Fonte: www.salvador-dali.org

Na tela, estão representados três relógios moles que marcam diferentes horários. Ao fundo, está representada a paisagem de Porto Lligat, localizada no norte da Espanha e é uma referência à memória de infância do pintor. Segundo a interpretação de Dalí, o formato derretido dos relógios deriva da imagem de um queijo *Camembert*, que ele observava enquanto pintava a tela. As formas sensuais têm uma evidente conotação sexual, característica de outras obras do artista. No centro, a figura simula o retrato do artista, outra característica marcante nas suas obras, a autorretratação.

Dalí via os relógios como instrumentos normalizadores e exatos que traduziam de forma objetiva a passagem do tempo. O fato de os dotar de formas orgânicas remete-os para o universo de prazer, recordando a dimensão fugidia do tempo e o sentido da ambiguidade que a evolução temporal introduz pelo cruzamento da percepção da realidade com a causalidade e inexplicabilidade da memória.

Nessa pintura, Dalí traduziu seu interesse na inexplicabilidade do tempo e o entendia como objeto não passível de ser moldado. Por isso, buscou nas ciências modernas o cruzamento de teorias mais abstratas da física, como a teoria da relatividade de Albert Einstein (1879-1955), que colocou em causa a ideia de espaço e tempo fixos, com as pesquisas de Sigmund Freud (1856-1939) que enfocavam o inconsciente e a importância dos fenômenos dos sonhos.

Estado da arte

Sobre o tempo: o surreal e o real

O tempo de Dalí era flexível e, por isso, o artista representou os relógios de forma surreal, derretidos, flexíveis, maleáveis, parecendo fluir pela superfície onde estão apoiados. Influenciado por Einstein e por Freud, Dalí relativizava o tempo e o entendia não mais marcado pela rigidez do relógio, mas dilatado.

Não menos surreal é a obra clássica de Lewis Carroll sobre a história de ‘Alice no país das maravilhas’ que fala de relógios. O livro começa com uma menina que, após adormecer ao fim da leitura de uma história, acorda espantada com o ruído de um coelho branco, que vestia um colete e carregava um relógio no bolso. O coelho afoito e apressado era visivelmente estressado. Olhando para o relógio o tempo inteiro, ele repetia insistentemente: “É tarde. É tarde! É tarde, muito tarde!” Sempre atrasado para algum evento, ele vivia sob intensa pressão. Alice ficou intrigada e perseguiu o coelho. Seguiu-o até uma toca, na verdade, um túnel que a levava até um mundo de maravilhas. Tomando um rumo incerto, ela encontrou personagens exóticos. O futuro do coelho era definido por um presente desordenado, escravizado pelo tempo, sufocado pela rotina e pelos compromissos. O relógio do coelho definitivamente não era mole!

O tempo real é alucinante, rápido e fluído, e sua influência na sociedade é assim percebida. A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos.

Sobre o tempo e o trabalho

Os primeiros registros para marcar o tempo foram feitos pelos povos antigos, que delimitavam a “passagem” do Sol e, para isso, utilizavam instrumentos da natureza, como rochas, em posições adequadas, para projetarem a sombra que marcaria a passagem do tempo. A história dos relógios acompanha, efetivamente, a própria história da civilização e deve ter iniciado por volta de 5.000 anos passados. É, no entanto, a partir da industrialização que os relógios se tornam peças eficazes no controle do tempo, e a medição do tempo passou a ser uma preocupação permanente.

O sistema capitalista de produção e as sociedades moderna e contemporânea estão fortemente vinculados ao trabalho e parece que tudo decorre da relação do trabalho. Segundo De Masi (2000, p.192), o racionalismo instaura sua lógica [...] As necessidades das pessoas são “fortes”: cada qual se concentra em poucas necessidades essenciais, às quais dedica sua vida inteira com duras horas de trabalho, para obter casa própria, fazer com que os filhos frequentem a escola [...].

O tempo e a vida das pessoas são organizados pelo relógio, inclusive o tempo livre de cada indivíduo, que está atrelado ao tempo destinado às relações de trabalho. Nesse sentido, o tempo é mercadoria e obedece às regras do modelo de produção atual, globalizado, *just-in-time*. Nesse modelo, o tempo livre e as atividades de lazer, em suas diferentes formas, ganham mais adeptos e, cada vez mais, espaços são criados e recriados para suprir as demandas do mercado e atender às necessidades do consumidor.

A busca e a necessidade do lazer aumentam na sociedade contemporânea, uma vez que o indivíduo vive imerso em um mundo de obrigações em que a ênfase é toda no trabalho. Ocorre, no entanto, que, para a maioria da população, o trabalho não oferece satisfação, sendo meramente um instrumento para obtenção dos recursos básicos para a sobrevivência e para o consumismo.

O tempo, o trabalho e o lazer

Em épocas primitivas, as atividades humanas eram movidas unicamente pelo instinto de sobrevivência. Para Santos (1982), as pessoas viviam o seu tempo de forma contínua e todas as atividades estavam ligadas, de alguma forma, à ideia de necessidade, inclusive as festividades e jogos eram submetidos a cultos e a rituais, caracterizando o seu sentido obrigatório. Constatase, assim, que o binômio trabalho x lazer não era caracterizado. A esse respeito, Santos (1982, p. 18) afirma:

Há familiaridade dos povos primitivos com seu espaço. Sua percepção do espaço confunde-se com o espaço social necessário à reprodução de sua vida. Quando a economia se complica, uma dimensão espacial mais ampla se impõe, e o espaço de trabalho é cada vez menos suficiente para responder às necessidades globais do indivíduo.

Assim entendido, nas sociedades pré-urbanas, não havia a separação entre os vários momentos da vida. A produção era ligada ao núcleo familiar, e o trabalho desenvolvia-se com conversas, cantos, ou seja, acompanhava o ritmo do ser humano (SADER, 2000).

Séculos mais tarde, na Grécia clássica, pensadores como Aristóteles já teorizavam a respeito do uso do tempo livre. Os gregos viam nesse espaço a oportunidade para o exercício de atividades contemplativas, reflexões filosóficas e outras ocupações ligadas ao desenvolvimento da mente.

Os romanos acompanharam o pensamento grego, mas, devido à sua índole imperialista, eles entendiam que o tempo livre não deveria ficar limitado a cruzar os braços, já que isso cessaria as atividades do ganho material, indispensáveis para o destino da pátria, e o uso desse tempo livre não deveria concorrer para o bem comum. Essa ideia de benefício coletivo também constava das regras sociais de alguns povos pré-colombianos, como nas sociedades do Império Inca. No período de intervalo das atividades agrícolas, a população era obrigada a trabalhar na construção de estradas, canais de irrigação e outras obras de infraestrutura, que eram de interesse público (GALEANO, 2004).

É importante observar que, na Grécia e em Roma, essa visão sobre o tempo do trabalho referia-se apenas aos cidadãos; logo, escravos e servos, a maioria da população, era excluída. Assim também ocorria no período feudal, no qual a nobreza e o clero viviam seu tempo livre às custas do trabalho do restante da população.

Desse modo, o lazer moderno surge junto à primeira Revolução Industrial, no século XVIII, com a formalização do trabalho, gerando uma cisão entre a vida pessoal e o tempo laborativo. É, também, a partir da Revolução Industrial que o tempo começa a ter uma conotação de que ele existe, pode ser medido e apropriado para a produção. Na segunda metade do século XX, a velocidade e a rapidez, intimamente ligadas à tecnologia, tornaram-se um índice de progresso. Carmo (1998, p. 68) comenta:

É certo que estamos rodeados de bens que nossos ancestrais nem podiam imaginar. Possuíamos automóveis que permitem deslocar-nos mais rapidamente para o trabalho ou que saímos da cidade para desfrutar da natureza, mas nosso antepassados, sem necessidades de tais máquinas, conseguiam facilmente ambas as coisas, pois trabalhavam em suas casas, ou perto delas e estavam na natureza ou chegavam até ela sem esforço, com suas pernas, sem tensões, engarrafamentos e sem acidentes. É verdade que não chegavam tão longe quanto nós, mas não precisavam disto.

Cabe ressaltar que o capitalismo industrial foi o principal responsável pela moderna divisão do trabalho, o que, em última análise, permite afirmar que fomentou a divisão da sociedade em grupos socioeconômicos e interferiu nas atividades para as diferentes classes. Padovani (2003) considera que a necessidade do lazer cresce com a implementação do fenômeno urbano e da sociedade moderna, na qual os ritmos se aceleram e há a sensação de que o próprio tempo passa mais rápido. Com todas as atribuições da vida urbana, o lazer pode ser considerado uma “válvula de escape” a todo esse processo.

Para o cientista social Joffre Dumazedier (2004, p. 16)

Lazer é o conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda para desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após liberar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Conforme essa definição, lazer está associado ao tempo disponível após a execução de atividades habituais como o trabalho, por exemplo. Uma interessante análise é feita por Marcelino (2000) que, ao recorrer à vasta bibliografia, argumenta que o entendimento do lazer passa fundamentalmente pelos aspectos tempo e atitude e vai mais além ao acreditar que tempo e atitude perpassam pelos condicionantes sociais e históricos, de cada época e do espaço geográfico, entendendo o ser humano como autor e sujeito do mundo em que está inserido.

Sobre o tempo, o lazer e o turismo

Os deslocamentos fazem parte do modo de vida dos humanos há muito tempo, primeiramente atrelados à sobrevivência e, na Antiguidade Clássica, as viagens eram empreendidas pelos jogos e crenças, e em busca de cura nas águas termais, conforme relatam Yasoshima; Oliveira (2002). Na Idade Medieval, a principal motivação era de ordem religiosa. Na sociedade moderna e, especialmente, na contemporânea², o turismo constitui um produto da evolução sociocultural (BOYER, 2003). O turismo é próprio da sociedade industrial e urbana e, assim, acompanha as suas concepções e transformações. Uma

² Sociedade contemporânea é entendida aqui como a ordem social estabelecida no mundo Ocidental a partir das transformações decorridas da Revolução Industrial e das revoluções burguesas (inglesa, americana, francesa) nos séculos XVIII e XIX. Essa ordem se contrapõe ao Antigo Regime, em que prevalecia a monarquia absoluta de direito divino e uma divisão da sociedade em três estados: Nobreza, Clero e o Terceiro Estado (composto pelos demais plebeus: burgueses, servos e artesãos).

das concepções da sociedade contemporânea ocorre justamente na concepção entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

No século XX, o tempo dedicado ao turismo, à semelhança dos momentos de lazer em geral, é tido por oposição ao tempo do trabalho e começa a persistir a ideia da existência de uma relação de contrariedade e de complementaridade entre ócio e negócio. Nas sociedades da Antiguidade Clássica, assim como na do Antigo Regime, tal ideia não existia. O trabalho e o negócio eram tidos como algo desprezível, e as viagens e o ócio eram símbolos de distinção social (BOYER, 2003).

Dumazedier (2004) relata que os dias sem trabalho dos camponeses dessas sociedades anteriores também não possuíam o caráter de liberação que ganharam as férias e os fins de semana na sociedade industrial, pois estavam ligados essencialmente ou a fins espirituais ou à impossibilidade de trabalhar devido ao clima. O dia sem trabalho do camponês tinha uma conotação negativa. A renda média do trabalhador era inferior às suas necessidades fisiológicas, e a redução do trabalho significava, em realidade, o aumento da miséria (DUMAZEDIER, 2004). O repouso dos trabalhadores estava inserido no próprio ritmo de trabalho, naquela época, mais ligado aos próprios ritmos da natureza.

A sociedade industrial e a burguesa destroem o ócio como norma, instituindo o trabalho como valor universal (DEPREST, 1997). O cisma na igreja cristã, a Reforma Luterana e a concepção de uma ideia sobre a dignidade da riqueza gerada pelo trabalho estabelecem este como valor cristão.

O modo de vida urbano, então ascendente, também contribui para tal concepção, ao vir a significar, entre outras coisas, uma nova temporalidade. O tempo do trabalho passa a ser ditado pelo relógio, cronométrico, possibilitando sua oposição com o tempo cronométrico do não-trabalho. Nesse contexto, a viagem turística virá a constituir parte do tempo do não-trabalho, do lazer moderno, ainda que restrito às elites (DEPREST, 1997).

As transformações da relação entre trabalho e tempo podem ser entendidas, no bojo do que Foucault (2002) comenta ser, como uma nova mecânica de poder criada com a sociedade burguesa, um poder “disciplinar”. Esse poder está menos centrado na existência de relações de obrigações para com o empregador, e sim na coerção da força, na sua vigilância e na busca por extrair-lhes tempo e trabalho.

Convém notar que a etimologia da palavra lazer vem do latim *licere*, que significa "o que é permitido, lícito". Esse significado parece demonstrar a nova relação existente entre ócio e trabalho e a ruptura que marca e distingue a sociedade aristocrática e a sociedade burguesa industrial quanto ao valor dado ao trabalho em que o próprio termo "turismo"³ tem sua origem nessa época. Assim, nessa perspectiva do lícito, do permitido, surge a noção e a prática das férias modernas, um dos fatores fundamentais para popularização do turismo. Como aponta Urry (2001, p. 38), "os proprietários das fábricas começaram a admitir essas 'semanas de folga' como períodos regularizados de férias, as quais encontravam sua compensação no fato de que o comparecimento ao trabalho era muito mais regular, durante o resto do ano". Entretanto, isso, por si só, seria condição suficiente para a popularização do turismo, porém, o autor aponta, ainda, outros fatores importantes como o desenvolvimento dos transportes, viabilizando uma mobilidade a baixo custo; o discurso médico, atribuindo propriedades curativas aos balneários; a cultura do Romantismo que passa a valorizar a natureza e as paisagens como algo esteticamente aprazível.

O aprimoramento da técnica possibilitou, cada vez mais, a automação e a rapidez na execução das tarefas. Essa rapidez passa a atribuir ao tempo uma fluidez e assim é percebido como algo passageiro e fugaz e dá aos indivíduos a constante sensação de "estar atrasado". Nesse cotidiano, sente-se a necessidade de sair da rotina e, nessa perspectiva, o lazer assume a tarefa de uma outra possibilidade além do trabalho, da marcação das horas e da constante sensação de atraso.

Dumazedier (2004) afirma que o lazer, longe de responder a compensações de atividades parcelares no trabalho, acaba por refundar essa própria sociedade, em novas sociabilidades, valores e modos de produzir, e por que não dizer "uma outra forma de viver o tempo".

³ O termo turismo é referido no "The Shorter Oxford English Dictionary", em 1811, citado por Moesch (2000).

Conclusão

Na obra ‘A Persistência da Memória’, os relógios flácidos conotam dois significados de interesse para a conclusão dessa reflexão, ou seja, primeiramente, a relatividade do tempo, maleável, característica notada na marcação das horas, distinta nos três relógios e a rapidez do passar do tempo, denunciado pela mosca pousada em um deles, indicando que ‘o tempo voa’. A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos. O tempo real é alucinante, rápido e fluído, e sua influência na sociedade é assim percebida.

O turismo é próprio da sociedade industrial e urbana e, assim, acompanha as suas concepções e transformações. Uma dessas concepções ocorre na relação entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

Referências

- BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Bauru: EDUSC. 2003.
- CARMO, Paulo Sérgio. *O trabalho na economia global*. São Paulo: Moderna. 1998.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante. 2000.
- DEPREST, Florence. *Inquérito sobre o Turismo de Massa: a ecologia face ao território*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. Aula de 14 de janeiro de 1976. In: _____. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 27-48.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004.
- MARCELINO, Néelson. *Estudos do lazer*. São Paulo: LTR. 1995.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas. 2008.
- MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto. 2000.

PADOVANI, Eliane. A cidade: o espaço, o tempo e o lazer. In: GERARDI, Lúcia Helena. *Ambientes: estudos de Geografia*. Rio Claro: UNESP/AGETEO, 2003.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo no Percurso do tempo*. São Paulo: Aleph. 2002.

SADER, Emir. Trabalho, desemprego e tempo livre. In: *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLA, 2000.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Nobel. 1982.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez. 2000.

URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.